



**CÂMARA DOS DEPUTADOS**

## **PROJETO DE LEI N.º 5.689, DE 2013**

**(Do Sr. Walter Feldman)**

Inscreve o nome de Aracy de Carvalho Guimarães Rosa no Livro dos Heróis da Pátria.

**DESPACHO:**

APENSE-SE AO PL 3435/2012.

**APRECIÇÃO:**

Proposição Sujeita à Apreciação Conclusiva pelas Comissões - Art. 24 II

**PUBLICAÇÃO INICIAL**

Art. 137, caput - RICD

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

**Art. 1º** Inscreva-se o nome de Aracy de Carvalho Guimarães Rosa no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

**Art. 2º** Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

### JUSTIFICAÇÃO

Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, muito conhecida por ser a esposa do escritor João Guimarães Rosa, salvou judeus na Alemanha nazista, enfrentou as leis antissemitas do Estado Novo e ainda ajudou a esconder perseguidos políticos durante o período durante a ditadura militar brasileira.

Filha de pai português e mãe alemã, Aracy era oficial de chancelaria na cidade de Hamburgo no período de ascensão e propagação do nazismo na Alemanha, momento em que também conheceria João Guimarães Rosa, diplomata à época. Entre suas atribuições, era encarregada da seção de vistos.

Naquele tempo, além da perseguição aos judeus na Europa, promovida pelo regime nazista da Alemanha, entrou em vigor a Circular Secreta 1.127, emitida pelo Estado brasileiro, proibindo a entrada de imigrantes judeus no Brasil. A medida, fortemente influenciada pela propaganda nazista acerca desse povo, implicava, entre outras coisas, o fato de que o Itamaraty não poderia emitir vistos de qualquer tipo para a entrada dessas pessoas ao território nacional.

Face a tal situação, contudo, Aracy decidiu que não poderia só observar e não fazer nada a respeito. Contrariando as ordens do Itamaraty e do Estado brasileiro, Aracy criou esquemas visando distrair o cônsul geral e, assim, conseguir a liberação de vistos para os judeus que assim requeressem.

Em razão da grande quantidade de despachos que fazia junto ao cônsul geral, Aracy aproveitava para misturar os vistos aos demais papéis que deveriam ser assinados pelo cônsul, que não se dava conta de que estava contrariando as disposições estabelecidas pelo Ministério das Relações Exteriores.

Muitos judeus iam de diversas cidades para Hamburgo, na tentativa de conseguir a emissão de um visto para saírem da Alemanha. Ocorre, no entanto, que, para tanto, eles necessitavam comprovar moradia na região, o que era muito difícil. Aracy, todavia, cuidava para que estes atestados de moradias fossem conseguidos, de forma que, ao entrar com os papéis, os semitas já tivessem resolvido esta dificuldade.

A razão que apresentava para tomar atitudes de tanto risco, ignorando circular expedida por seus superiores e por membros de alto escalão do Estado brasileiro, era bem simples: Aracy considerava aquela situação um grande absurdo e uma enorme injustiça. Para

ela, não era concebível que os judeus fossem abandonados à própria sorte, sendo que ela poderia fazer algo para ajudá-los.

O Anjo de Hamburgo, título que receberia posteriormente, ajudou a conceder vistos a judeus até agosto de 1942, salvando centenas de vidas. Em setembro do referido ano, o Brasil já havia declarado guerra à Alemanha e, com isso, Aracy foi detida e ficou sob custódia por mais de quatro meses em Baden-Baden, pondo um forçoso fim aos seus atos de bravura e heroísmo.

Em razão de seus atos salvadores de vidas, Aracy seria homenageada com a inclusão do seu nome no Museu do Holocausto, sendo a única mulher mencionada no grupo de 18 diplomatas que ajudaram a salvar vidas judias. Especificamente, seu nome encontra-se no Jardim dos Justos, no Museu do Holocausto de Jerusalém.

Ela seria homenageada, ainda, com o nome de um bosque do Keren Kayemet, também na cidade de Jerusalém. Foi ela mesma quem inaugurou a placa comemorativa, proferindo um discurso naquela que foi sua última viagem internacional.

De volta ao Brasil, após o período de detenção em Baden-Baden, Aracy abdicou de sua carreira diplomática para se manter ao lado de Guimarães Rosa, que, apesar de ganhar o *status* de embaixador, dedicava-se cada vez mais à literatura.

Nesse período, o casal passou a receber a elite intelectual da época, sobretudo em virtude do crescente sucesso que o escritor alcançava no Brasil e no exterior. Tais visitas continuaram mesmo após a morte de Guimarães Rosa, em 1967.

Durante o período da ditadura militar brasileira, mais especificamente após a expedição do Ato Institucional nº 5 (AI-5), Aracy ainda combateria mais uma injustiça. À época, abrigou em sua casa o cantor e compositor Geraldo Vandré, fortemente perseguido pelo regime autoritário.

As ações heroicas e altruístas de Aracy de Carvalho Guimarães Rosa já foram reconhecidas por diversas entidades internacionais, sobretudo as relacionadas ao Holocausto, o que demonstra o quanto suas atitudes foram importantes.

Os fatos aqui relatados demonstram a justiça e o merecimento de o nome de Aracy de Carvalho Guimarães Rosa seja inscrito no Livro dos Heróis da Pátria.

Sala das Sessões, 4 de junho de 2013

Deputado WALTER FELDMAN

<b>FIM DO DOCUMENTO</b>
-------------------------